Para além do religioso: o diálogo da *Seicho-No-Ie* com o ambientalismo

Gustavo Martins do Carmo Miranda*
Caio César Sousa Marçal*

Resumo

O presente trabalho problematiza a relação entre religião e ambientalismo presente na *Seicho-No-Ie* – nova religião japonesa. Primeiramente será abordado – do ponto de vista teórico – como pensar a conexão entre religião e ambientalismo através de um terceiro fator – a globalização. No segundo momento será exposta a lógica da *Seicho-No-Ie* neste dilema relacional – através das investidas de Masanobo Tanigushi na atualidade. Por fim, através de evidências empíricas coletadas do site desta religião no Brasil, procuraremos apresentar os indícios das praticas ambientalistas deste novo movimento religioso em nosso território.

Palavras-chave: Seicho-No-Ie; ambientalismo, Brasil, globalização, religião

Introdução

Desde o término da Segunda Guerra Mundial, a *Seicho-No-Ie* – uma religião pertencente ao grupo dos Novos Movimentos Religiosos Japoneses – vem sofrendo mudanças significativas em seu campo doutrinário. Fundada por Masaharu Tanigushi (1893-1985) no final da década de 20 do século passado, esta religião conseguiu livrar-se das amarras do controle do Estado japonês após a derrota do país nipônico na segunda guerra – em decorrência do término deste conflito beligerante, a Constituição japonesa de 1946 colocou um fim na religião oficial do Estado, estabelecendo assim a liberdade religiosa.

Durante os anos que sucederam a segunda guerra, Tanigushi argumentou a necessidade da *Seicho-No-Ie* adaptar-se às novas circunstâncias mundiais. Essa adaptação resultou na necessidade do diálogo religioso para além do domínio nacional do território japonês. A partir da década de 60, Tanigushi realizou diversas viagens internacionais – passando por Europa, EUA e também Brasil – a fim de internacionalizar a *Seicho-No-Ie* por meio do contato com lideranças religiosas – como o Papa Paulo IV e Dom Helder Câmara –, bem como outros movimentos de cunho religioso – como o chamado Novo Pensamento Americano.

*Doutorando em Sociologia pela UFMG. E-mail: gustavmcm@gmail.com
*Mestrando em Sociologia pela UFMG. E-mail: caioabu@gmail.com
Agência de financiamento: CAPES

As ações de Tanigushi foram seguidas pelos seus sucessores – em especial seu neto e atual líder supremo da *Seicho-No-Ie*, Masanobo Tanigushi. Líder desta religião desde 2009, Masanobo tem demonstrado certo interesse em priorizar o diálogo – a verdade em comum a todos os credos – e combater a intolerância religiosa – em especial o fundamentalismo religioso.

Todavia, mais do que um diálogo inter-religioso, Masanobo tem procurado um intenso diálogo com questões práticas concernentes ao mundo globalizado. Prova disso são seus escritos – livros – que buscam conectar a *Seicho-No-Ie* com o ambientalismo, isto é, com a importância de preservar e cultivar de forma correta o meio ambiente em um mundo cada vez mais dominado por novas tecnologias. Este direcionamento traçado por Masanobo rendeu a *Seicho-No-Ie* o reconhecimento pela sustentabilidade da Organização Internacional para a Padronização – ISO – sediada em Genebra – Suíça.

Tendo em vista esta postura assumida por Masanobo, propomos analisar como a *Seicho-No-Ie* tem buscado informar e conscientizar seus seguidores para a importância da preservação do meio ambiente nos dias atuais. Daremos atenção ao contexto brasileiro. Através de uma pesquisa no site brasileiro da *Seicho-No-Ie*, levantaremos quais os mecanismos e conteúdos de informação utilizados por esta religião para atrair seus adeptos à importância de se pensar nas questões de ordem ambiental em um mundo cada vez mais globalizado e dominado por novas tecnologias.

Religião e Ambientalismo: uma discussão teórica

Por que pensar a globalização?

Pensar o diálogo de uma determinada religião com questões ambientais envolve primeiramente compreendermos certa conectividade com assuntos de ordem global – não adianta imaginarmos tal fato somente na lógica do local. Daí a necessidade inicial de situar conceitualmente a ideia de globalização – seu núcleo teórico propriamente dito. Globalização é aqui entendido como certa intensificação da consciência do mundo como um todo (KEARNS, 2007). Neste sentido, esta intensificação acaba ultrapassando a chamada dinâmica existente no Estado-nação, ou seja, das barreiras sociais, geográficas e políticas dos países:

> No âmbito da globalização surge, paulatinamente a necessidade de se estabelecerem instâncias decisórias que transcendam os interesses de cada Estado-nação em particular, para atender às necessidades e prioridades de uma sociedade mundial (GARNELO; SAMPAIO, 2004, pp. 756-757).

Fora do âmbito restrito do Estado-nação, a globalização – como intensificação de consciência – possibilita perceber em que medida aspectos concernentes à preservação da natureza podem ser pensados em conjunto. Não se trata de simplesmente agir pontualmente, mas sim compreender que um derretimento em uma de uma colata polar, por exemplo, pode ser consequência de comportamentos inadequados em várias partes do mundo. Daí outro importante fenômeno – em conjunto com a globalização – a se considerar. Estamos falando da chamada glocalização – termo desenvolvido primeiramente pelo sociólogo Roland Robertson. Trata-se justamente da interconexão entre global e local – que aparentemente podem ser opostos (KEARNS, 2007). Neste sentido, é preciso ter em mente que o local não se perde em meio ao processo de globalização (LOURENÇO, 2014).

Embora a temática da globalização e ambientalismo tenha rendido atenção – na maioria dos casos – aos aspectos econômicos e políticos – principalmente em torno da chamada transnacionalização –, não podemos afirmar que a religião foge das discussões contemporâneas. O ambientalismo – definido pelos sistemas de valores implicados pela ecologia – tem preocupações e funções religiosas. Daí que as religiões tentam de alguma maneira estimular seus adeptos a agirem dentro de uma estrutura que extrapola o imediato através de uma relação quase que dialética entre "vibração imanente e símbolos transnacionais" (KEARNS, 2007; SILVEIRA, 2015).

Atualmente, não podemos negligenciar os esforços crescentes de grupos religiosos em abraçar as causas que envolvam o aquecimento global, falta de energia e acesso à água potável, extinção de espécies, perda do habitat e poluição. Isso se deve em grande parte à mediação do Conselho Mundial de Igreja com a ONU – as reuniões com as Nações Unidas. Na discussão dos aspectos ambientais nestes encontros, é possível perceber que nas discussões há apoio de grupos religiosos em favor de ações que envolvam preservação. Basta lembrar um acontecimento em nosso próprio país. A Confederação das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano – ocorrido no Rio de Janeiro –, contou com um número notável de grupos pertencentes às entidades religiosas (KEARNS, 2007).

Ademais – agora pensando na ideia de glocalização – muitos grupos religiosos – ligados ao comércio e alimentos cultivados e produzidos localmente, buscam contribuir para a mudança do padrão de consumo. Querem vincular o conhecimento local sobre uma consciência religiosa que promova o reconhecimento da necessidade de valorizar a vida – em

plena conexão com o sistema planetário. Daí que enquanto trabalham para aumentar a conscientização e preocupação global – buscando soluções aos problemas –, os grupos religiosos acabam anunciando certo "particularismo local" – incitam seus seguidores a pensar globalmente agindo localmente (KEARNS, 2007).

A Seicho-No-Ie neste embate teórico

Do ponto de vista da *Seicho-No-Ie*, é importante destacar – antes de tudo – que os chamados novos movimentos religiosos – como as religiões tradicionais – estejam em constante conectividade com a modernidade tardia. Isso significa que a religião é reencaixada em demandas particulares – como o ambientalismo, por exemplo. Neste sentido devemos observar que:

> A religião está sendo desencaixada de seu lugar tradicional na realidade dos grupos e da identidade social e simultaneamente é reencaixada, através de um processo dialético de modernização global, na realidade da identidade pessoal. O lugar social da religião está sendo reconfigurado e não desaparecido completamente (DAWSON, apud SILVEIRA, 2015, p. 81).

O desencaixe do tradicional parece não contribuir de forma tão acintosa para a perda do religioso nesta modernidade tardia. Daí a reinvenção, ou seja, novos sentidos sendo atribuídos à experiência religiosa – o pensar global. "Orientalismos, neopaganismos e neoxamanismos, produziram, então uma religiosidade holísta, que reconhece na natureza a condição de 'mãe nutridora' da qual todos nós somos parte" (SILVEIRA, 2015, p. 79).

Voltando à *Seicho-No-Ie* podemos atribuir a Masanobo Tanigushi – um dos netos do fundador desta nova religião japonesa – a ação de direcionar esta religião para problemas ambientais contemporâneos.

Masanobo assumiu a presidência da *Seicho-No-Ie* em 2008. É graduado em Direito e mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Colúmbia. Nas suas publicações – livros – é possível encontrar questões referentes ao ambientalismo. Em um livro escrito em 2006 – *Primeiro passo para a paz* – podemos presenciar os seguintes dizeres:

> Pensando ecologicamente, precisamos reconhecer mais o valor da própria Natureza. Reconhecendo que há um valor extraordinário na Natureza ainda inexplorado pelo homem, devemos protegê-la. É esta a época que vivemos. Expressando essa forma de pensar em termos religiosos, seria: ver por trás de todas as coisas a Vida de Deus, a Misericórdia de Buda e, com gratidão cuidar bem de tudo, cientes de que todas as coisas da natureza não devem ser usadas com direito do homem, mas com cuidado, reconhecendo que Deus não está permitindo usá-la (SILVEIRA, 2015, p. 15).

A ênfase na natureza é notória. Parece haver a tentativa de Masanobo conectar a *Seicho-No-Ie* com o meio ambiente – não esquecendo o papel dos adeptos. Há – em certo

sentido – um todo quase que sagrado atribuído à natureza. "As publicações recentes de Mananobo [...] expressam o modo pelo qual a ecologia interpelou a religião e como essa respondeu através da disposição pelo reencantamento da relação entre humanidade e natureza" (SILVEIRA, 2015, pp. 82-83).

Mais do que em termos de discursos, ações de ordem prática também estão presentes na Seicho-No-Ie: Vejamos algumas delas: 1) Essa religião possui o selo ISSO 14.000 – que diz respeito às instituições interessadas em promover a sustentabilidade; 2) A nova sede principal da Seicho-No-Ie no Japão – chamada Escritório na Floresta – esta situada no meio de uma floresta. Foi construída a partir de princípios ecológicos em uma região coberta de árvores; e 3) No cotidiano dos adeptos, o ambientalismo se manifesta a partir de práticas de reciclagem e desperdício de água (SILVEIRA, 2015).

Arcabouços empíricos: evidências do ambientalismo da *Seicho-No-Ie* do Brasil

Masanobu – assim como fizera seu avô – destina uma atenção especial à sede brasileira da *Seicho-No-Ie*. As razões são bem claras. No Brasil, esta religião possui o maior número de fieis no mundo – ficando atrás somente do Japão. Daí que mesmo que a *Seicho-No-Ie* esteja presente em mais de 30 países, é no Brasil que Masanobo aposta que iniciara uma nova era: energia limpa e um modo de vida que haja desenvolvimento sem prejuízo à natureza (SILVEIRA, 2015).

Sua última visita ao Brasil foi em 2014. Todavia, é sempre bom lembrar a dependência da sede brasileira com a japonesa. Daí que as questões de cunho ambiental promovidas por Masanobo estão constantemente contato em nosso país – para serem implantadas e adaptadas aqui.

Passando propriamente para a discussão da coleta de dados, é preciso dizer que utilizamos os dados contidos no site brasileiro da *Seicho-No-Ie* (www.sni.org.br). Como não efetuamos entrevistas com adeptos ou mesmo lideranças, optamos por este procedimento. O intuito desta busca foi rastrear neste site as ações que comprovem as diretrizes de cunho ambientalista assumidos por esta religião – a partir da presidência de Masanobo.

Encontramos duas fontes interessantes. A primeira diz respeito aos dados contidos no Ciclo de Harmonia – revista bimestral e gratuita divulgada pela *Seicho-No-Ie*, cujo conteúdo por ser em grande parte acessado no site.

Diante da temática da relação entre religião e ambientalismo encontramos ao todo 6 exemplares que continham esta temática – nos anos de 2010, 2011, duas de 2012, 2016 e 2018. Falaremos de alguns deles.

Na edição de 2016, por exemplo, há uma página destinada sobre dicas de preservação da "Mãe Natureza". Os conselhos são: 1) Como menos carne; 2) Ande de escada; 3) Cultive plantas; 4) Compre alimentos produzidos em sua região; e 5) Economize CDs e DVDs.

Na edição de 2018 – onde a temática era "Semana da Paz e do Meio Ambiente. Será que ainda temos tempo para salvar o planeta?" – há um curioso texto de Fumio Nishiyama – até então Presidente Doutrinário da *Seicho-No-Ie* para a América Latina, intitulado "Sobre a dádiva da natureza". Neste texto, Nishiyama relata uma experiência de melhorias da saúde de seu irmão em virtude do uso de erva daninha – ele sofria de urticárias na perna.

Já na primeira edição de 2012 é apresentada uma reportagem como uma familha adepta da *Seicho-No-Ie*. Nela, o pai relata a influência dos ensinamentos de Masanobo Tanigushi em agradecer as dádivas recebidas de Deus e da natureza. Ademais, explica como a rotina familiar – a própria casa – é moldada segundo princípios condizentes ao ambientalismo.

Por último, a segunda fonte diz respeito a um Manual do Meio Ambiente – desenvolvido em 2013, mas idealizado em 2011 após uma amostragem nas academias e associações locais da *Seicho-No-Ie*. O intuito era de traçar um perfil político quanto à preservação ambiental – alicerçado em redução, reutilização e reciclagem – tudo isso, é preciso destacar, deveria estar fie às diretrizes da sede internacional e em convergência aos princípios de Massanobo.

Como resultado, foi elaborado justamente ao manual. Neste manual podemos encontrar as principais diretrizes da política ambiental da *Seicho-No-Ie* no Brasil. Eis alguns dles: 1) Manter um sistema de gestão ambiental; 2) Promover a utilização otimizada de recursos naturais; 3) Gerenciar os resíduos emanados de suas atividades; 4) Gerenciar a melhoria contínua do desempenho ambiental em suas atividades; e 5) Promover a conscientização e o envolvimento dos seus empregados, contratados, subcontratados e dos adeptos a agirem de forma ambientalmente correta.

Conclusão

Como vimos no decorrer deste texto, é possível associar religião e ambientalismo desde que seja incluído um terceiro elemento, ou seja, a globalização. Percebemos que globalização pode de fato estar relacionado ao universo religioso. Há grupos interessados em preservar o meio ambiente. Isso implica não apenas pensar o globo, mas também as localidades. Daí o conceito de glocalização.

No caso da *Seicho-No-Ie* uma mudança a nível geracional da presidência, parece que contribui – e vem contribuindo – para abrir esta religião aos percalços de ordem global. O meio ambiente parece ser um ponto culminante para Massanobo – tanto que ele mudou a sede central para uma floresta no Japão.

Os impactos desta investida de Massanobo parecem ser sólidos na sede da *Seicho-No-Ie* no Brasil. Mesmo não entrevistando adeptos, conseguimos encontrar materiais encontrados no site brasileiro desta religião. Tais matérias parece buscam atrair os eleitores para as causas ambientais através de dois meios: informativo e documental. No fim das contas, há uma estrutura bem delimitada por parte da *Seicho-No-Ie* em seguir uma cartilha a favor do meio ambiente. Resta sabermos se haverá – futuramente – tensões mais contundentes no seu interior – tendo em vista este posicionamento cada vez mais consolidado.

Referências

BRASIL, *Seicho-No-Ie* do: Disponível em: <http://www.sni.org.br/> Acesso em: 24 de junho de 2018.

GARNELO, L; SAMPAIO, S. Globalização e ambientalismo: etnicidades polifônicas na Amazônia. História , Ciências, Saúde, Manguinhos, v.12, n. 3, pp. 755-768, set.-dez. 2005.

KEARNS, Laren: Religion and Ecology in the Context of Globalization. In:BEAMAN, Lori; BEYER, Peter. Religion, Globalization, and Culture. Leiden: Brill, 2007, pp. 305-335.

LOURENÇO, Nelson. Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local. Mulemba: Revista Angolana de Ciências Sociais, Luanda, v. 4, n.8, pp. 17-31, nov, 2014.

SILVEIRA, João Paulo. Ecologia e Novos Movimentos Religiosos na modernidade tardia: um estudo da *Seicho-No-Ie* do Brasil. Métis: História e Cultura, Caxias do Sul, v. 14, n.28, pp. 73-87, jul./dez. 2015.